

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Armindo Rodrigues Fernandes

registada em 2008-09-08
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Armindo Rodrigues Fernandes

De nome completo Armindo Rodrigues Fernandes, nasceu em Pardieiros a 25 de Outubro de 1932. Os pais eram António Rodrigues e Assunção Fernandes. O pai, conhecido por “Arrobás”, dividia o seu tempo entre as colheres que fazia e o trabalho no campo, mas chegou ainda a trabalhar em Lisboa, a carregar fruta no mercado, na Praça da Ribeira. A mãe era agricultora. Armindo ajudava a mãe no trabalho do campo e ainda tentou fazer colheres como o pai, mas não conseguiu. Recorda os jogos, no pouco tempo que tinha para brincar. Terminada a quarta classe foi para Lisboa, com 16 anos, trabalhar para a casa de louças e vidros na Calçada dos Cavaleiros. Depois foi para as pastelarias. Conheceu a esposa nos Pardieiros e o namoro foi feito por cartas, com a autorização do pai dela. O casamento foi na Senhora da Saúde, em 1957. Passados uns dias partiram ambos para Lisboa, onde nasceu o seu filho. Andou por lá 50 e tal anos e agora regressou à aldeia.

Índice

Identificação Armindo Rodrigues Fernandes.....	4
Ascendência António Rodrigues e Assunção Fernandes.....	4
Casa "Era velhota".....	6
Infância "Ajudava a minha mãe".....	6
Religião "Aprendi o principal".....	8
Educação "Os professores devem ser respeitados".....	9
Migração "Naquele tempo, era Lisboa".....	10
Percurso profissional "Quando não estava bem, mudava-me".....	11
Ofício "Não é para toda a gente".....	13
Namoro Por cartas.....	15
Casamento "Era casamento à rico!".....	16
Descendência "Estragou-me as férias!".....	17
Lugar "Uma terrinha pacata".....	17
Costumes "As festas sempre foram muito boas".....	24
Avaliação "Que saibam o que isto foi".....	28

Identificação *Armando Rodrigues Fernandes*

O meu nome completo é Armando Rodrigues Fernandes. Nasci em Pardieiros a 25 de Outubro de 1932.



Armando Fernandes (40 anos)

Ascendência *António Rodrigues e Assunção Fernandes*

Os meus pais chamavam-se António Rodrigues e Assunção Fernandes. Ao meu pai chamavam o "Arrobas". Toda a gente sabe quem é o "Arrobas"! Chamavam-no assim, porque ele, em novo, era baixinho e fraco. Depois engordou e disseram:

- "Ei! Agora é que já tens arrobas!"

E ficou daí chamado o "Arrobas". Quase todos aqui têm uma alcunha. É raro chamar pelo nome próprio. Alguns levam a mal se não forem chamados

pelo nome próprio, mas toda a gente sabe que aquele é este, aquele é o outro. Têm outros nomes.



Maria da Assunção Fernandes e António Rodrigues, pais de Armindo (Pardieiros, 1940)

Colhereiro e agricultora

O meu pai era colhereiro. Fazia colheres de pau. Tinha umas ferramentas próprias para as fazer: uma machada, uma enxó, uma legre e uma faca fina e dobrada. Já se sabe, não é uma faca direita, é uma faca com uma curva. A machada era para dar os primeiros retoques. A enxó servia para tirar a casca por dentro da colher, para fazer a pá. A legre alisava por dentro. E com a faca alisava-se. Depois de as fazer, o meu pai vendia-as para uns depósitos, onde uns senhores as juntavam. Agora ainda há aqui um nas Luadas mas, nessa altura, havia na Esculca, na Benfeita, no Sardal... Aos domingos, íamo-las lá levar a esses senhores à Benfeita ou à Esculca e depois o cliente vinha-las lá buscar. Nós só as deixávamos. Eles pagavam-nos e depois os clientes encomendavam-

nas e levavam-nas. Fazer colheres foi sempre a vida dele. Mas também passava alguma parte do tempo no campo. Não era só fazer colheres. Quando era preciso - porque havia coisas que se estragavam e tinham de ser feitas naquela altura - ele ia regar ou uma coisa assim. A vida dele era esta. Mas as colheres é que eram a safa. Se se aviasse da fazenda, não dava. Mas como fazia colheres, tinha sempre uns tostõezitos.

O meu pai também andou em Lisboa. Trabalhava no mercado, na Praça da Ribeira. Levava a fruta para dentro das camionetas, dos chamados saloios. Depois iam lá para dentro e vendiam-na. Traziam-na para os clientes cá para fora. A vida dele foi assim enquanto andou em Lisboa. Esteve lá uns 20 anos. Veio em 1940. Mas vinha cá, não estava sempre lá. Vinha cá passar uma parte do tempo, por causa da minha mãe. Depois voltava e só em 1940 regressou de vez. Mais tarde foi a Lisboa, mas só de visita. Nunca mais foi lá para trabalhar.

A minha mãe trabalhava no campo, era agricultora. Tratava do gado, das ovelhas, das cabras. Cultivava a fazenda. Na altura, plantava milho, batatas, feijão, cebola... Tinha aquelas coisas para nós comermos. Não vendíamos nada. Aquilo era só para nós. Às vezes ainda vendíamos uns alqueires de milho, mas não era assim muito. E era o que ela fazia. Era tudo o que fazia parte da agricultura.

Casa "*Era velhota*"

A minha casa de infância era velha. Era velhota, porque os meus pais não tinham condições. Compraram aquela casita, em 1940 reconstruíram-na e vivíamos todos lá. Tinha três quartos, uma sala, uma cozinha, um forno para cozer o pão e mais nada. E já não é bom? O forno era só nosso. Era dentro da nossa casa. Tínhamos um pátio e dentro do forno cozíamos o pão. Mas também deixámos cozer várias pessoas. Como os meus avós não tinham, vinham lá cozer o pão e as pessoas amigas também iam. Quando alguém queria lá cozer, podia-o fazer. Era um forno familiar. Dava para nós e dava para os outros.

Infância "*Ajudava a minha mãe*"

Como eu era filho único nunca tive assim grandes problemas. Não tínhamos muita fartura, mas também não havia miséria. Não havia dinheiro para comprar várias coisas, mas do campo tínhamos sempre tudo o que era preciso. Eu ajudava a minha mãe. Ia para o campo deitar-lhe as ovelhas, guardar o gado, ajudar a regar, ir à madeira, fazer aquelas coisas que era normal no campo. Ainda tentei

aprender a fazer colheres com o meu pai, mas não consegui. O meu pai dizia que era melhor ir para Lisboa, que isto aqui não dava nem para a sopa.



Armindo Rodrigues Fernandes (5 anos)

O ambiente lá em casa foi sempre razoável. Não tenho razão de queixa. Foi sempre bom. O meu pai era um homem normal. Só tinha uma coisa: ao domingo bebia os seus copitos... Gostava muito de beber o seu copito e depois, já se sabe, às vezes, estrilhava um bocadinho. Mas nada de exageros. Não exagerava, mas ao domingo... Gostava muito de cantar! Ainda aí há quem tenha cassetes dele. Quando estava com os copos, cantava para aí! E mesmo sem copos, também gostava muito de cantar. Se andasse no campo ou até mesmo a fazer colheres - que aquilo é muito puxado - ele cantava. E era uma boa pessoa. Quando o meu pai esteve em Lisboa, já se sabe, a minha mãe viveu com muita dificuldade. Ele mandava uns tostõezitos, mas era pouco... Nessa altura eram os tostões. Não é como agora. Agora é euros, mas nessa altura era tostões. E então, coitada, a minha mãe equilibrava aí com algumas dificuldades.

As brincadeiras nesse tempo não eram como as de agora. Jogávamos aí à pina-malha e ao pilogalo. Eram as brincadeiras daquele tempo. Era o que aqui havia nessa altura.

"Chamávamos o pilogalo"

Quando andávamos no recreio, a gente fazia um cerco dentro do areal da escola. E dali para cima não podia passar. Chamávamos o pilogalo. Depois íamos atrás dos outros. Se me apanhavam, metiam-me para dentro daquele cerco.

E várias outras brincadeiras. Jogava-se a várias coisas, mas eu não tinha muito tempo para isso, porque a minha mãe dizia-me assim:

- "Agora, quando saíres da escola, trazes a saca - não havia malas, era uma saca de pano onde eu levava a pedra, os cadernos e os lápis - e vens cá ter ao campo."

Eu chegava lá, deitava as ovelhas e as cabras e andava-as a guardar até à noite. Às vezes, já era escuro quando de lá vinha.

Os serões lá em casa eram passados a trabalhar. Mesmo à noite era a trabalhar. O meu pai a fazer colheres e a minha mãe a coser. Com candeeiros de petróleo e de azeite. Primeiro até era com candeeiras de azeite, depois é que passou a candeeiros de petróleo. E era assim que nós passávamos os serões. A vida naquele tempo era assim.

Religião "*Aprendi o principal*"

Fui à catequese umas vezes, mas nessa altura não gostei muito da maneira do senhor prior. Ele era assim um bocadinho para o pesado. Se fosse agora com o prior que está nos Pardieiros, até era capaz de continuar, mas... Eram outros tempos... E como não gostei muito da maneira dele, fui lá umas vezes, mas depois desisti. Nem cheguei a fazer a Primeira Comunhão. Aprendi o principal. Por isso é que eu hoje sou católico. Venha lá quem vier, eu não quero outra religião. Para mim, não conta nada. Em Lisboa, era abordado todos os dias por aquelas senhoras que andam lá e eu dizia sempre:

- Não, não. Ó minha senhora, nem pensar nisso! Eu nasci católico, tenho de morrer católico. Portanto, não vale a pena, que é tempo perdido.

Educação "Os professores devem ser respeitados"

Andei na escola quatro anos. A escola velha era ali à Carreira, à Senhora da Saúde. Depois foi feita uma nova lá para cima. Entrei com 6 anos. Nessa altura entrava-se com 7 anos, no dia 7 de Outubro. Era no dia 7 de Outubro que abriam as aulas. E eu fazia anos no dia 25. Então entrei com 6 e uns dias depois fiz os 7 anos. Lembro-me do meu primeiro dia. Oh, se lembro! A gente vai muito comprometido.

O sarampo

Estive lá e daí a dois dias ou três, tive tanto azar que me apareceu uma doença, que era o sarampo. Tive que ficar uns dias em casa, porque a professora não me deixou ir à escola. Nessa altura não havia tratamento nenhum. Era à base de um cobertor encarnado. E estive uns dias, já não sei quantos, em casa. Só quando fiquei bom é que a professora me deixou voltar para a escola.

Eu, em Problemas - que era o que nesse tempo se chamava à Matemática - era uma maravilha! Em Ditado, também não dava erros. O que era um bocadinho mais complicado era o Desenho. Nunca tive assim muito jeito para Desenho. Mas eu gostava muito de Problemas, dos problemas ruins, difíceis de resolver, que era preciso três contas, três operações. Os problemas, nessa altura, até eram muito engraçados. A tabuada era só comigo! Não tinha problema em tabuada. Agora ninguém sabe a tabuada, que eu acho que é o principal, é o princípio da Matemática. Agora, dizem que não é preciso a tabuada. Mas eu sei. Ainda hoje sei.

Não era dos piores a fazer malandrices, porque eu sempre tive respeito aos professores. A professora para mim era pessoa que se devia respeitar. Mesmo nessa altura, já eu via as coisas assim. Os professores devem ser respeitados. Aqueles que não respeitavam, de vez em quando, lá levavam uma reguada, uma varada por cima da cabeça. Aqueles que estavam sossegadinhos na carteira, não tinham problemas. A professora não complicava nada. Eram aqueles que às vezes ela até ensinava melhor, porque tinha mais carinho por eles. O rebelde, às vezes, dizia:

- "Ai, eu não sei, eu não sei isto."

Não sabe, porque não está com atenção às aulas e a professora começava a não gostar assim muito desse, da maneira dele. Naquele tempo, era assim.

Recordo-me muito bem da minha primeira professora, a dona Isaura Cardoso. Era uma boa professora. Muito boa mesmo! Foi pena ela se ter ido embora logo no outro ano a seguir. Esteve cá quatro anos. Eu entrei no último ano e ela, logo no outro a seguir, foi-se embora para Fajão, que era a terra dela. Ficou lá a dar aulas e só aqui esteve um ano comigo. Depois, veio outra professora, que esteve aí um ano. Era interina. Nessa altura chamava-se interina, ainda não tinha o curso de professora. Com ela fiz a primeira adiantada. Depois fui fazer a segunda e a terceira com outra professora que veio da Guarda, de Almeida. Saí na terceira classe e estive quatro anos sem ir à escola.

Os meus pais antes queriam que eu andasse a trabalhar do que a ir para a escola. Queriam que eu me empregasse em Lisboa. Era só o que eles diziam. Por isso, o meu pai não queria que eu aprendesse a fazer colheres:

- "Não vale a pena! Isto aqui não dá nada! Para que é que estás aqui a matar a cabeça? Mal de ti! Mal de ti se aqui tiveres de ficar a fazer colheres. Vai mas é para Lisboa para te empregares."

Para continuar uma vida diferente. Mas, naquele tempo, eu gostava de continuar a estudar. Até tinha tendência para isso, mas os meus pais não tinham possibilidades. Para isso tinha de ir para Coimbra. E para Coimbra, nem toda a gente podia ir. Só conheci aqui duas famílias que conseguiram levar os filhos para lá. Aqui não havia possibilidades. Quando muito fazia-se a admissão ao liceu. A partir daí não havia mais nada. Mas, como eu tinha uma força de vontade muito grande, lá convenci os meus pais. Já tinha 14 anos quando voltei para a escola, durante um ano, para fazer a quarta classe. Só não cheguei a fazer o exame de admissão. Com a quarta classe já achava que me conseguia empregar em Lisboa. Acabei em Julho de 1948 e logo a seguir, em Novembro, fui para lá.

Migração "*Naquele tempo, era Lisboa*"

Eu pedi a várias pessoas, que pertenciam aos Pardieiros, para me arranjar emprego em Lisboa, que eu queria sair daqui de qualquer maneira. Pedi a umas três, quatro - já não sei quantos foram - quando vieram à festa da aldeia em Setembro. Uma delas era uma tia minha, que estava lá em Lisboa. Depois chamou-me:

- "Olha, tenho ali uma coisa que, para começar, já não é mau. Vais aqui para a casa de louças. É de um senhor conhecido. Vais para lá, que ele precisa lá de um rapaz."

E então, fui. Fui-me embora para Lisboa no dia 30 de Novembro de 1948. Tinha 16 anos. Cheguei lá no dia 30, o dia 1 era feriado e no dia 2 fui logo trabalhar para a casa de louças e vidros na Calçada dos Cavaleiros. Hoje já lá

não está. A casa já não é dos donos antigos, que já morreram todos. Hoje é dos chineses.

Não foi difícil adaptar-me lá. Pelo contrário! É mais difícil adaptar-se aqui que adaptar-se à cidade naquele tempo, quando era Lisboa. Agora não é Lisboa. Eu fui para aquela zona central que apanha o Rossio. Era ali na Calçada dos Cavaleiros, que vai ter à Rua da Palma. Depois, Rua da Palma, Martim Moniz, Rossio, Restauradores, tudo ali ao pé. Fui para uma zona tão boa que até apetecia viver ali! Os antigos é que sabem o que era a Rua da Palma. Foi sempre uma rua boa de negócio. É o centro de Lisboa. Aquela parte do Rossio, a Baixa, até ao Areeiro é o centro de Lisboa.

Quando fui para as pastelarias, fechávamos às duas horas da manhã. Fazer limpezas, arrumar, saía de lá às três horas. Vinha para a rua, só chegava a casa já de dia. Ninguém me perguntava de onde é que eu vinha, nem onde é que eu andava. Aquilo agora está de uma maneira que não se pode vir para a rua, à noite, principalmente. E, naquela altura, eu fazia a minha vida de andar na rua. Ia para casa quando queria. Não tinha lá o pai nem a mãe, mas nunca estrilhei! Sempre direitinho. Ao meu pai e à minha mãe nunca vieram dizer que eu que não cumpria.

Percurso profissional "*Quando não estava bem, mudava-me*"

Em Lisboa, comecei por levar embrulhos de louças para pessoas que vinham comprar à praça. Copos, garrafas, várias taças e coisas assim. Tudo em louça. Ganhava uma bagatela por dia. Por dia não, era ao mês que recebia: naquele tempo, eram 180 escudos por mês. Mal dava para comer! Tinha de levar daqui uns tostões que a minha mãe me tinha dado. Lá me fui amparando. Fui para uma casa onde havia vários homens daqui da terra. Tínhamos uma cozinha, onde eu fazia o comer com uma máquina a petróleo, que tinha comprado. Tinha um pratinho, uma colher e um garfo. Ia às compras a uma mercearia que havia lá próxima. Era aquela vida naquele tempo, senão o dinheiro não chegava.

Estive lá sete meses. Saí com 300 escudos por mês. 300 escudos secos, sem comidas. Como é que se podia viver com 300 escudos? Se não fosse o que tinha levado daqui, estava mal. Quando vi que aquilo era pouco, que o ordenado era pequeno e não dava para nada, e me apareceu o que eu gostava de ir fazer, que era a pastelaria, despedi-me. Quando me vim embora, já ajudava ao balcão. Fazíamos embrulhos e depois íamos entregar. Era assim a minha vida naquele tempo.

Depois, fui para pastelaria. Aí já tinha uma situação melhor, já dava para comer e beber. Daí continuei na Rua do Arco da Graça. Estive lá três anos, isto

em 1948. Depois, davam-me mais na Rua da Palma, fui para a Rua da Palma. Quando me casei, já estava numa casa na Rua do Benfornoso, que, por tal sinal, estava a ser explorada por minha conta. A senhora, que era viúva, exigiu-me um valor e o resto que desse a mais era para mim. Estava por minha conta. Ela disse:

- "Olha, dá-me um "x" e o que passar daí para cima, é para ti."

Mas também lá não estive muito tempo. Estive lá uns dois anos mais ou menos. Depois, fui para outros lados. Quando me davam mais ordenado eu ia logo aproveitar! Estou como o outro: vendia-me por pouco! Como se costuma dizer, "quem mais dá, mais amigo é". Às vezes, também me chateava porque isto é um bocado difícil. A gente nem sempre gosta do que nos fazem e todas as pessoas têm o seu feitio. Nem todos somos iguais. Então, quando não estava bem, mudava-me. Era o que se devia fazer sempre, mas nem sempre se faz. Às vezes os patrões vêem que um empregado não está a dar lucro nenhum e eles não os podem mandar embora. Quantas vezes acontece isso:

- "Este havia de se ir embora que só me está a dar prejuízo!"

Mas, como não pode mandar embora, tem de o aguentar. E aí é que está o problema. O empregado pode-se ir embora quando quiser. Dá um mês. E o patrão não pode fazer isso. Não sei como é que está agora a lei dos despedimentos, mas sei que é assim. Ultimamente, quando eu lá estava, via isso:

- "Pá, este cavalheiro não está a dar lucro à casa. Anda aqui por andar..."

Mas como o patrão não o podia mandar embora, aguentava-se. Nessa altura, os patrões, darem dinheiro, não davam, mas, quando tinham confiança no empregado, o empregado não tinha problema nenhum. Não havia era folgas. Umhas vezes, lá davam meio dia de folga, outras vezes... Não é como agora. Quando chegava a hora de sair, enquanto o patrão não me mandava embora, eu não saía. Agora, ainda falta um quarto de hora e já estão a lavar as mãos e a preparar-se para sair. Enquanto o patrão não dizia, não se vinha ninguém embora.

25 de Abril

Passei o 25 de Abril em Lisboa. Foi uma quinta-feira, nunca me esquece. Nesse dia, eu estava a trabalhar numa casinha na Rua da Palma e quando vim de manhã, disseram:

- "Ah, há aqui o 25 de Abril - ninguém sabia que era 25 de Abril -, uma revolução e não sei quantos. É preciso cuidado! Não se abre as portas! É melhor não abrir a porta!"

Mas eu abri. E até trabalhei muito bem nesse dia. Nesse tempo já havia dinheiro. Antes houve ali um período em que as pessoas não tinham muito dinheiro. Bebiam um cafezito e um bagoço e já não era mau. Mas, naquela altura,

quando já andava a guerra em Angola, já vinham pessoas com dinheiro e já se trabalhava muito bem. Mas depois foi um bocado complicado. Havia ali um supermercado em frente. Só vejo ali uns "maduros" a mandarem pedrada àquilo, a arrebitarem e a roubarem o que lá havia dentro. Digo assim:

- Agora é que eu estou tramado! Agora é que eu estou mal! Se eles vêm para aqui, bem me levam isto tudo!

Não tinha lá muita coisa, mas quando os vi a rebentar os vidros do supermercado - que aquilo era tudo em vidros - e a roubarem o que queriam, assustei-me. Era tudo à balda, era um descontrolo autêntico. Com o 25 de Abril vi várias coisas, umas boas, outras más. Ainda hoje continuo a dizer: o 25 de Abril teve muita coisa boa, mas também teve muita coisa má. Pelo menos no respeito. Havia muito mais respeito pelas pessoas do que há agora. Antes, não havia clientes que não pagassem a conta. Havia respeito. Era raro acontecer. Às vezes, havia uns fiadozitos. Queriam fiado. Mas, normalmente, sem pagar não se iam embora. As pessoas eram tratadas doutra maneira, até mesmo ao balcão. Podiam ter menos estudos, menos cultura, mas eram educadas. Agora, não! Agora, qualquer gajo chega ali e trata mal as pessoas. Eu cheguei a lá ter casos de me tratarem mal:

- "Se quer, chama a Polícia! Chama a Polícia" - disseram-me.

E uma vez chamei:

- "Não posso fazer nada... Que é que eu posso fazer?" - disse o polícia.

- Ó senhor guarda, mas eu queria este cavalheiro lá para a rua! Só para me ele não chatear! Eu não quero nada dele! Mas queria que ele sáísse daqui para fora!

- "Não lhe posso fazer nada..."

Ora isto, então! "Não posso fazer nada"? Ele podia-me tratar mal e o guarda não podia fazer nada. Não o podia pôr na rua. A partir daqui, já se sabe, foi pior em tudo. Mas também houve coisas que melhorámos. Melhorou bastante. Mas também piorou noutras coisas. É como tudo.

Ofício "Não é para toda a gente"

As pastelarias têm os seus quês. Nessa altura, era diferente. Agora, é outra coisa. A hotelaria não é para toda a gente, tem muito que se lhe diga. Quem vê por fora pensa que é muito fácil. Mas não é. É um bocado duro. Não é para todos. As senhoras não gostam muito de estragar as mãos e as mãos na cozinha estragam-se um bocado. Daí a dificuldade em arranjar empregadas. Estas raparigas novas andam aí a tirar os cursos. Mas depois quando chegam cá fora, se aparecer outra coisa, já não vão para a hotelaria. Eu conheci uma rapariga que tirou lá o curso

e está ali para Fajão, numa cozinha. E um rapazinho também, que tirou o curso, e está ali para um hotel em Penelas. Mas, de resto, poucas seguem aquela vida. É muito raro seguirem a cozinha. A cozinha é uma coisa bastante complicada e o balcão também. Não é para toda a gente. Eu, na cozinha, nunca trabalhei. Podia desenrascar um prego, uma bifana, uma sandes, tostas mistas, essas coisas de balcão. Mas ir para a cozinha, de roda dos tachos e das panelas, nunca fui sozinho. Não tinha assim muito jeito para estar lá. Preferia o balcão, o contacto com o cliente, servir e levantar as mesas, todo o trabalho de balcão.

Um dia de trabalho era assim: a pessoa chegava, entrava e começava a trabalhar. Depois, é andar sempre em cima das pernas! Para pessoas de idade, não é muito fácil, mas para uma pessoa nova, andar oito horas em cima das pernas, aguenta-se muito bem e não tem problemas. Não tem muito trabalho. Eu nunca troquei um pedido. Tinha boa memória. Assim a tivesse agora. Eu até me lembro mais dos tempos antigos. Lembro-me melhor de coisas de quando eu tinha 5, 6, 7 anos do que o que fiz ontem. A memória começa a falhar. Eu até já devia ter tomado uns comprimidos, mas andar a tomar comprimidos? Eu não me sinto doente. Só me estou a sentir um bocadinho desmemoriado. Esqueço-me das coisas com mais facilidade, das coisas actuais.

O pior problema é mesmo a cozinha. A cozinha é um bocado complicado. O principal é saber o que se vai fazer. Há pessoas que gostam de uma coisa, há outras que gostam de outra e depois não se vende. Estraga-se. O mais difícil é fazer-se sem ser por encomenda, porque eu posso estar a contar com 20 clientes para almoçar e só aparecerem dez. Se não se souber reconduzir o comer dos outros dez de maneira que as coisas não se estraguem, é um prejuízo. O que se ganhou com os dez que se aviaram vai-se perder com o que ficou. Têm de ser pessoas com conhecimentos para reconduzir aquilo de modo a ser utilizado no dia seguinte. Por exemplo, o cozido. Hoje é cozido, mas amanhã pode ser feijoada à transmontana. Há muita gente que não sabe disso. Em quase em todo o lado a feijoada à transmontana é dada ao outro dia do cozido, quando este não saiu bem. O cozido é um bocado complicado. Vem um:

- "Ah, eu queria mais um bocado de orelha."

- "Ah, eu queria mais um bocado de chispe."

Por isso, é um bocado complicado e algumas casas só servem cozido um dia por semana. É tudo quanto posso dizer dos problemas do dia-a-dia das pastelarias. Mas ainda hoje tenho pena de não ter pernas para lá andar, apesar de aquilo estar um bocado mais complicado. Hoje não é tão fácil como antigamente. Tanto o pessoal como os produtos têm de ser tratados de outra maneira. A ASAE anda a atacar e as pessoas têm de ter muito cuidadinho com as coisas que metem nos frigoríficos, com a maneira como guardam os produtos, com as limpezas das casas, que antigamente falhava muito também, isso é verdade. Não havia

limpeza suficiente. Mas hoje também estão a exigir demais. Quando eu lá estava não tenho razão de queixa. Foi um ramo de que gostei muito. Gostei e continuo a gostar.

Nessa altura, a minha esposa estava comigo. Ela era doméstica, mas quando eu estava aflito por qualquer coisa - o empregado tinha-se ido embora, por exemplo - ela ia-me ajudar no balcão ou na cozinha. Essa é que fazia tudo. Tanto fazia balcão como fazia cozinha. Mas era melhor que eu, porque eu não fazia cozinha e ela fazia. Ela já tem 68 anos, já não está muito nova também, mas mesmo assim, ainda desenrasca. Quando era nova, era dela que eu me socorria. Telefonava:

- Olha, vem cá! Vem cá! O empregado hoje não apareceu!

- Olha, dói a cabeça à filha ou ao filho da cozinheira e ela teve de ir com ele ao médico...

- Olha, não sei quantos...

E era ela que vinha desenrascar. Só estive empregada depois mais tarde. Mais tarde, estive a trabalhar. A minha vida foi passada assim. Andei lá 50 e tal anos. Agora vim cá para cima. E aqui estou até vir o resto da vida.

Namoro *Por cartas*

A minha mulher era de Pardieiros. Ela é mais nova que eu. Estava na aldeia e eu vinha de Lisboa de vez em quando. Uma vez, deu-me na cabeça, escrevi-lhe! E ela respondeu. Andámos a namorar por cartas uns meses só. Já nem me lembro o que lhe escrevia. Mas não é como agora! Agora é diferente. Nessa altura, o sistema era completamente diferente. Agora, conhecem-se hoje, amanhã quase parece que já se conhecem há muitos anos. Nessa altura, os pais nem deixavam chegar ao pé delas! Tive de escrever ao pai. Sem autorização dos pais, nessa altura, não havia namorar, não havia nada! Tinha de ser com assentimento dos pais de parte a parte. Os pais dela sabiam, os meus e os de todos:

- "Ah, esta é que é uma rapariga jeitosa para ti. Vais ter aqui um futuro."

Havia muito isso, porque dantes as famílias tinham muita influência. Se fossem pessoas mal vistas na aldeia, já diziam:

- "Ah, não, não! Isto não serve para ti, porque isto é gente que não interessa a ninguém."

Mas não foi difícil convencer o pai dela. Nós já nos conhecíamos. Morávamos a 100 metros uns dos outros. Eles conheciam a minha família e eu conhecia a deles. Por isso, tudo foi fácil. Escrevi uma carta e ele respondeu. Disse que sim, que era connosco, que para ele era igual ao litro. Não havia nenhum problema.

Casamento "*Era casamento à rico!*"

Enquanto namorámos, nem à aldeia vim. Isto foi em 1957, em Fevereiro, Março. Em Setembro, casámos. No dia 16 de Setembro. O meu casamento foi na terra. Foi na Senhora da Saúde, na capelinha. Eu levava um fato preto. Agora, roupa preta já se não usa, mas era o que se vestia naquele tempo. Uma roupa preta e pronto! Ia encantado da vida. A minha mulher ia mais ou menos com o que se utiliza agora. Nisso, não havia grande diferença, não difere muito do antigo. Um vestido e o véu. É umas das coisas em que não vejo grande diferença: como as noivas hoje vão vestidas em relação àquele tempo. Depois, à noite, tinham outro fato para vestir. Tiravam aquele e vestiam outro que era para virem jantar. Comemos aqui. Almoçámos e jantámos. Ao outro dia tornámos ainda a comer todo o dia. Era casamento à rico! Nessa altura, era tudo feito aqui por nós. Matavam umas ovelhas, uns animais, e havia carne. O forte era a carne. Era assim que se fazia naquele tempo. Tinha uma cozinheira própria, que percebia daquilo dos comeres. As pessoas de família ajudavam. As mães, os pais, tudo ajudava a fazer o comer. Eu, por exemplo, levei aí umas 60 pessoas. Mas já tem havido aí casamentos de cento e tais. O meu levava umas 60, 60 e tal. Já não me lembro bem ao certo.

Daí a quatro ou cinco dias, fui para Lisboa com ela. Casei-me a uma segunda-feira e no sábado fui para Lisboa. Lá fomos viver para um quarto. Em princípio, foi um quarto só. Um quarto com serventia de cozinha, chamava-se nesse tempo. Depois do quarto, arranjei uma parte de casa, que já são duas assoalhadas e já dava para ter uma sala. Sala de jantar, quarto e serventia de cozinha. Mais tarde, quando já tinha possibilidades, arranjei uma casa minha mesmo. Minha, não, que era do senhorio. Pagava renda, mas era uma casa já nossa. Foi assim a minha vida.



Casamento de Armindo e Palmira, Pardieiros, 16 de Setembro de 1957 (Armindo, Palmira e José Rodrigues)

Descendência "*Estragou-me as férias!*"

Lembro-me de quando nasceu o meu filho. Foi uma aventura terrível. Foi em Setembro. Eu nessa altura estava de férias, trabalhava numa casa que me deu o mês de Setembro de férias. Por isso, estragou-me as férias! Era para vir para Pardieiros, durante um mês. As condições não davam para ir para outros lados. Então, para onde é que a gente queria ir logo?

- Para a terra! Vamos para a terra! Para a terra é que se vai passar as férias.

Mas, como eles me deram Setembro (antes não me puderam dar e depois já não queriam), eu fiquei o mês todo até que o miúdo nascesse. Depois de ele nascer, ainda consegui uma semana de férias. Ainda consegui que viéssemos à terra. Mais tarde, foi baptizado em Lisboa. Na Igreja dos Anjos. A minha mulher é que o criou. Só foi para o infantário quando tinha 5 anos. Andou um ano no infantário, foi para a escola e continuou.

Lugar "*Uma terrinha pacata*"

Pardieiros é uma coisa velha! Isto chamava-se Vila Flor. Depois, não sei por que razão, acharam que isto era muito velho. Havia aí uns casarios a cair e por isso começaram a chamar Pardieiros. E daí ficou. Houve alguém que já quis mudar para Aldeia de São Nicolau mas, por qualquer circunstância, ainda não se conseguiu mudar e continua a ser Pardieiros. De maneira que não há nada a fazer. Enquanto eles não mudarem o nome, cá estamos em Pardieiros. Os habitantes são os Pardieirenses.

Mata da Margarça

A Mata da Margarça era nossa. O dono daquilo não era dos Pardieiros, mas dali é que se vivia. Viveu-se aqui anos da Mata. Eram as madeiras, era o milho, era o feijão... Deu emprego a muita gente e agora ainda tem dado a alguns também, embora não sejam muitos. Ainda lá andam duas senhoras. O forte daqui foi a Mata, sempre. Por isso, quando o Estado tomou conta dela, as pessoas não gostaram muito. Mas toda a gente gosta da Mata. A princípio eles exigiram uma coisa:

- "Não se pode lá ir apanhar tortulhos! Aquilo é para semente. Não se podem apanhar!"

A malta também tinha a mania de lá apanhar umas castanhas, porque aquilo tem muita castanha. E eles, a princípio, também diziam:

- "Ah, na Mata, não se apanham castanhas."

Agora, há uns anos para cá que eles não as apanham. Deixaram-nas ficar. Quem quiser já lá pode ir apanhar. Eles já não dizem nada. Aquilo dá muito trabalho. São precisas pessoas para as apanhar e depois as castanhas lá também não são muito boas. Há um sítio onde elas são boas, mas é muito lá para cima. Aquelas à beira da casa não saem grande coisa.

Hoje, só é pena que não façam aí mais limpeza. Precisávamos de coisas mais limpas e eles não têm aproveitado bem as pessoas que lá estão. Antes destes que hoje lá estão, estava um senhor, que era o senhor Adelino, que os mandava ir à Fraga da Pena limpar aquilo e os caminhos por onde se passa. Agora, não. Está muito mais degradado do que antigamente. Agora, ou têm menos pessoal ou não sei, mas não têm contribuído muito bem para as coisas.

Hoje, há muita diferença entre Pardieiros de agora e Pardieiros de antigamente! É como da noite para o dia! Pardieiros era uma terrinha pacata. Tudo vivia do trabalho. Lá para cima era tudo eiras de secar milho. Vivia tudo à

base da cultura, dos renovos, dessas coisas todas. Não tínhamos água canalizada, não tínhamos casas de banho. A primeira coisa que veio para cá foi o telefone, que não tínhamos telefone.

"Um isolamento total"

Não tínhamos telefone! Quando queríamos telefonar tínhamos de ir à Benfeita! E lá só havia um, que era a cabine pública. Ninguém tinha telefone. Se tinha uma urgência, chamar um médico, falar com uma pessoa de família que estivesse em Lisboa, tinha de se ir à Benfeita. Eles lá em Lisboa também não tinham telefone. Tinham de os chamar aos Correios. Era uma complicação. Mandava um telegrama. Isto era um isolamento total.

"Não tínhamos luz"

Depois veio a luz. Não tínhamos luz. Governávamo-nos com candeeiros a petróleo. Algumas velhotas, coitadas, usavam azeite. Como tinham muito azeite nesse tempo - aqui há muita oliveira - usavam aquelas candeias a azeite. Punham azeite numa cavidade e depois acendiam a torcida - chamavam elas uma torcida. E estava para ali a arder. Mas aquilo não dava nada. Era só para não estar sem luz nenhuma. Com o petróleo, está bem! Depois apareceram uns candeeiros que já davam uma luz jeitosa.

Para nos aquecermos, púnhamos lenha na lareira. Não havia gás, não havia nada. Era com lenha! Trazíamos lenha dos pinhais, que aqui há muita lenha. Há para aí lenha! Não a vão é apanhar... Todas as casas tinham uma lareira. Só que aquilo enferrujava a cozinha toda. Era uma carrada de ferrugem para ali!

Para aquecer a comida tínhamos umas panelas de ferro. Não eram panelas das outras, senão ficavam todas pretas. Se lá pusesse as panelas de esmalte - ainda não havia alumínio nesse tempo - ficavam pretas! Eram panelas de ferro. Punham-nas ao lume e elas ali estavam a ferver. Quando era para cozer feijão, era um problema, porque o feijão tinha de estar quase o dia todo a cozer. Lembrome de a minha mãe pôr o feijão a cozer logo que amanhecia, quando a gente se levantava, e ao meio-dia ainda estava "grola", como chamavam. Ainda não se podia comer. Dizia ela:

- "Agora é que está um trabalho, que o feijão ainda está duro!"

Aquilo demorava um bocado a ferver. O ferro demora muito a desenvolver, a aquecer. Era preciso pôr muita lenha encostada às panelas para elas conseguirem ferver.

"Para não gastarem um fósforo!"

Eu lembro-me de duas vizinhas, que eram viúvas, que iam à minha mãe com uma pinha buscar lume para acenderem as fogueiras delas. Só para não gastarem um fósforo! A minha mãe acendia o lume mais cedo para fazer o comer para os animais e elas, como sabiam disso, vinham com uma pinha na mão. Acendiam-na só na ponta e vinham com ela pelo ar para ela não incendiar mais, senão quanto mais a virassem mais ela incendiava. Mas não foi só uma vez. Foram centos delas. Não viviam muito longe, mas ainda era um bocadinho. Da minha casa para uma delas era só atravessar a rua para o outro lado, mas para a outra ainda era um bocado.

Isto sem luz, não era nada. Não havia rádio - só a pilhas -, não havia televisões, não havia nada. A luz veio beneficiar em muito a povoação. Com a luz, já o caso era diferente.

Ainda foi tudo antes do 25 de Abril. Não foi uma regalia do 25 de Abril. Nós já tínhamos alguém da terra que se interessava por isso. O Alfredo Francisco Gomes, em conjunto com o doutor Fausto Dias, é que puxou para a aldeia isso tudo e deu cá muitas voltas. Pôs os fontanários. Quando para cá veio a água, nem era para ir para casa. Era para os fontanários. Tínhamos aí uns cinco ou seis onde as pessoas iam apanhar água em vez de irem à fonte. Antes, tínhamos ali um chafariz já muito antigo. Está lá escrito "1923", mas eu penso que aquilo é anterior a 1923. Era ali que íamos buscar a água. Depois pôs-se os fontanários e pôs-se a água em casa. Agora, tudo tem água em casa. Mais tarde, veio a luz, calcetaram-se as ruas. Foi tudo calcetado, que estavam aí umas ruas não se comparavam nada com agora.

"Íamos a pé para Arganil"

Não tínhamos estrada. A estrada vem à aldeia, hoje. Para pagar a décima, que era o que chamavam à contribuição, íamos a pé para Arganil. São 24 quilómetros, para cada lado! Ir e vir a pé no mesmo dia, porque não havia dinheiro para transportes. Não havia carreiras, não havia nada. Estávamos aqui isolados. Íamos lá a cima à serra, atravessávamos a Esculca, Folques, Alqueve até Arganil.

"Médico, não havia"

Quando a gente tinha problemas de saúde, primeiro tomava-se um chá de qualquer coisa. Para lavar um golpe, se a gente se tivesse aleijado - que se aleijava com facilidade, pois andava aí no campo - usávamos água de malvas. Cozíamos as malvas em água quente e com aquela água é que se lavava a ferida. Outros até punham mortalhas de cigarro, que diziam que também curava. Era desta maneira que se fazia. Médico não havia. Só havia um senhor que era barbeiro - o senhor José Augusto Pinto - que tirou um cursozito na tropa. Não percebia nada de medicina, mas foi tropa em Coimbra, na Companhia de Saúde ou o que era aquilo. Andou lá um ano ou dois e lá conseguiu aprender alguma coisa, a dar comprimidos e assim. Ajeitava-se muito bem. Quando tínhamos alguma coisa, íamos direitos ao tio Augusto Pinto - como a gente o chamava - e ele lá arranjava qualquer coisa que tivesse lá ou que comprasse na farmácia. A farmácia mais próxima era em Côja. Ainda hoje é assim. Não há nenhuma na aldeia. Então, lá íamos a Côja buscar o que ele receitava. As receitas não eram como agora:

- "Olhe - escrevia num papel - vá lá e compre isto."

Não havia descontos, não havia nada. Chegava lá com o papel e eles davam aquilo que ele entendia que resultava. Até injecções chegou a receitar. Mas, coitado, aquilo era uma sorte. Se dava para o bem, dava, se dava para o mal, dava para o mal. Um homem que não tinha estudado não podia saber muito. Mas era quem safava cá. Também havia, na Benfeita, um barbeiro que era o Zé Maria. Mas esse era com uma tesoura que curava as pessoas. Uma vez, lembro-me, uma vizinha trazia uma pisadela nos pés, que criava pus com muita facilidade. Eu era miúdo, mas lembra-me muito bem. Um dia, ele cortou-lhe aquilo em volta, a pele, com uma tesoura! Digo assim:

- Ai, que este homem!

Fiquei arrepiado de ver aquilo. A maneira que a mulher foi tratada... Esse não percebia nada. O José Augusto Pinto, o tio José Augusto era barbeiro, mas sabia. Era muito entendido em várias coisas. Se calhar há médicos, que não sei... Era um homem muito inteligente. Isso sem dúvida nenhuma. Era a nossa safa. Haviam dois doutores em Côja, mas todos evitavam lá ir, porque eles levavam dinheiro. Era o doutor Adolfo e o doutor Baptista. Então, quando havia uma doença qualquer, ninguém sabia. Acho que nessa altura já existia o Centro de Saúde em Arganil. Não tinha o nome de Centro, mas já ali havia qualquer coisa. Mas para as pessoas se deslocarem daqui para Arganil... Chegavam cá mais doentes do que tinham ido para lá!

Também havia umas senhoras que faziam rezas. Sempre houve. Houve aí uma que ainda fazia umas mezinhas, mas ela não percebia nada daquilo. Dava por dar. Era uma maneira de angariar a vida! Lá vinha uma saloia lá de cima da serra, trazia-lhe uma cabra ou dava-lhe dinheiro. Eu ainda cheguei a lá ir. Elas nem sabiam lá... Aqui era atrasado, mas lá a serra ainda era pior. E então escrevia num papel, o que ela havia de fazer. Mandava lá fazer umas mezinhas. Ir apanhar água a um cruzamento de ribeiras, que aquela água fazia bem. Outras vezes aconselhava a pôr lá umas calças:

- "Põe lá as calças do teu marido, que depois vem lá o espírito e leva as calças."

Dizia que aquilo valia alguma coisa, mas não valia nada... Para mim, aquilo não dava nada. Era tudo falso, porque não pode ser. Não era a realidade. Era uma maneira de viver a vida. Elas traziam lá alguma coisa e ela, coitada, também não se negava. Se calhar também não gostava muito de trabalho e era uma maneira de se ir governando.

Não tínhamos cemitério! Tínhamos de ir com os mortos, coitados, daqui para a Benfeita a pé com umas cordas debaixo do caixão. Agora não, temos aqui um cemitério ao pé de casa. Fez-se o cemitério e a capela. A outra já estava muito velha. Fizemos o largo à Senhora da Saúde. Temos um campo de futebol. Já fizeram um campo de futebol. Fizeram aqui um parque para as crianças.

Eram estes os problemas dos tempos antigos. Mas eram bons tempos! Gente sã! Hoje as pessoas não são tão sãs como eram naquele tempo. As pessoas não tinham e isso obrigava-as a ser mais humildes. Agora não. Tudo vive mais razoável. Podem não viver bem, mas fingem que estão a viver bem e depois uns não querem ficar abaixo dos outros. Dantes não. Havíamos nós de ter saúde - e já não digo a sorte grande, que essa, também, não interessa a ninguém. Interessa é vivermos.

"A Comissão está no bom caminho"

Fizeram a Casa da Comissão, que foi a melhor coisa que se podia fazer na aldeia. De Coimbra para cima, não há uma casa tão bem feita como esta. É um mundo que está aqui. É uma coisa louca, muito grande. Até é grande demais! Não tínhamos uma quantidade de coisas que hoje temos. Só não temos é repartições públicas, porque de resto... Parece-me que estão a pensar em fazer aí uma piscina, que é o que está cá a fazer mais falta. É a única coisa que aqui não há, de resto está tudo. Isto hoje é um paraíso em relação ao que era antigamente. Antigamente era mais pecado e havia mais gente. Isso sem dúvida nenhuma. Mas, hoje, isto está

mais desenvolvido, mais bonito. A terra tem praticamente as condições todas de vida. Não vejo aqui defeito nenhum. Só o tal que ninguém pode remediar, que é estarmos cá muito isolados na serra. E o Inverno ser um bocado chato.

A Comissão de Melhoramentos foi muito importante para os Pardieiros. Já tinha começado em 1930, mas depois esteve muitos anos parada. Morreu um dos fundadores, o senhor António José Filipe, e o senhor Alfredo Francisco Gomes desinteressou-se um bocado. Até que, em 1950, se não estou em erro, reviveu. Eu sou do início da Comissão de Melhoramentos. Fomos fazer a primeira reunião à Travessa da Glória. Tem a Rua da Glória, o Elevador da Glória e foi numa transversal, ali. Um senhor tinha lá uma casa de alfaiataria e fomos ali fazer a primeira reunião da Comissão de Melhoramentos. E assim começou. Destinaram que as quotas haviam de ser de 25 tostões. Todos pagavam 25 tostões. E por lá arranjam uns subsídios do Estado com a ajuda de todos. Não tínhamos casa. Era a Comissão de Melhoramentos, iam angariando para cá fundos, mas não havia aqui a casa. Mais tarde é que se pensou em fazer uma. Nessa altura dei para cá 10 contos. Nesse tempo 10 contos - isto foi em 1970 e tal - valia mais que hoje 100! Falando em contos. Eu gosto muito de falar em contos. Para as pessoas novas, 100 contos serão 500 euros. Depois foi inaugurada em 1983. Há quatro anos, foi ampliada e modificada. Tem aí uma cozinha para se fazer banquetes. Há restaurantes que não têm umas condições de cozinha como as de cá. Casas de banho por todo o lado. Tem um forno para cozer pão se for preciso. Isto está bem montado. A Comissão está no bom caminho. Fazem festas, fazem peditórios, fazem almoços. Ainda agora aqui houve dois ou três seguidos. E daqui é que a Comissão vive. Agora, como tem os quartos, sempre vai alugando e a coisa tem estado a melhorar um bocadinho.

Pardieiros para mim significa muito. É a minha terra. A gente vai para qualquer lado e quando falam na terra está sempre cá. É uma coisa que não esquece. De modo que sempre que podia, eu vinha à terra. Normalmente, uma vez por ano. Mais tarde, até vinha mais. Vinha aqui estar o tempo que tivesse de férias. Se tivesse 15 dias, era 15 dias, se tivesse um mês, era um mês. Vínhamos para aqui sempre. Eu gostei sempre daqui. Tanto, que até vim para cá viver! Mande fazer cá uma casa, para quando regressasse. E agora, não faço mais nada! Como, bebo e durmo. Vou até à Casa dar um bocado de música, conversar. É o que faço agora. Não dá para fazer nada aqui. Que é que se pode fazer? O único problema é que aqui o Inverno é um bocado duro. O Verão é bom. Não há melhor! De Verão, isto é uma maravilha! Temos aí uma paisagem que é adorável. No Inverno, o frio é um bocado duro e estarmos cá isolados na serra é um bocado

áspero. O defeito disto aqui é o Inverno. Porque de Verão, cá para mim, é uma maravilha.

Costumes "As festas sempre foram muito boas"

A festa anual é muito boa. O que é, é só uma vez por ano. Em Pardieiros as festas sempre foram muito boas, toda a vida, mesmo já de miúdo. E continuam! Agora é que não deixam deitar foguetes, mas a festa aqui era sempre acompanhada de muito fogo, música, filarmónica... Vinha cá sempre a filarmónica. Agora, fazem uma noite na quinta-feira. Vem um artista de Pai das Donas. Ele e o filho tocam acordeão e cantam aí a noite toda. Vão beber às adegas de todos. Só vão para casa de manhã. É um dia diferente. Nesse tempo, era só nas tabernas. Havia cá duas tabernas: uma era onde é hoje a Casa da Comissão, outra era ali à praça no largo. Era nessas casas que eles estavam toda à noite. Primeiro, ao sábado de manhã, era a alvorada; depois a chegada da filarmónica; a missa cantada, como eles chamam; e a procissão. À tarde, a venda das ofertas e umas gaitadas lá da música. À noite havia arraial. O arraial constava de baile. Era o que a malta nova - nessa altura havia muita malta nova - gostava! O mais importante era o baile, a gente dançar. Agora, agarram-se às raparigas logo no primeiro dia. Mas nessa altura, só quando se ia dançar é que se conseguia agarrar uma rapariga. A música ficava cá e ao outro dia havia o fim da festa que era levar a Senhora da Saúde - que ela vai na procissão - para a capela dela. Só que isso acabou tudo. A música agora não fica cá, porque é um balúrdio que eles querem. Mas as pessoas faziam muita festa. Era uma festa rija aí sempre. Faziam para aí comer para estragar. Eu lembro-me que andávamos oito dias a comer da festa! A minha mãe matava uma cabeça de gado, uma ovelha ou um carneiro. Todos faziam muito de comer. Muita tigelada, muitos coscoréis, tapioca, arroz-doce... Faziam arroz-doce que era uma farturinha. Às vezes chegava a colher bolor! Era tanto que eles faziam, que não dava para comer. Às vezes, até contavam com mais pessoas que aparecessem. Outras vezes, até vinham aí pobres pedir. Davam-lhe uma caçarola de arroz-doce para eles levarem lá para a terra deles. Isto já tem uma tradição muito antiga de fazerem uma festa como manda a lei.

"No baile, começavam a pedir namoro"

Todos os domingos havia baile. Era do que a malta gostava. Eles gostavam de cantar por aí. Vinham, faziam jogos, cantavam modas... E antes de mim ainda foi melhor, porque o meu pai contava que chegaram a estar no largo 40 raparigas e só quatro rapazes. A desproporção que havia! Os rapazes, normalmente, já

tinham ido para Lisboa e eram só aqueles que aqui estavam a viver. Os tais das colheres. Iam fazendo umas colheres e ganhando alguma coisa. As raparigas ficavam cá todas. Mais tarde, começaram a ir servir para casas que às vezes lá arranjavam. Mas naquele tempo, chegaram a estar 40 ali no largo.

Havia ali um tocador, a quem davam um macito de tabaco e uma bebida para ele vir tocar, senão ele não vinha. E então ali vinha a rufar! Depois, já tinha concertina, mas primeiro era um harmónico. É parecido com a concertina, mas não é nada que se compare. As raparigas com aquele toquezito, dançavam umas com as outras. Sabiam aqueles jogos. Era isso que eles apreciavam, porque no baile começavam a pedir namoro. E quando eles iam dançar duas ou três vezes com elas, diziam:

- "Olha, há ali lume vai haver fogo! Ali, de certeza que vai haver namoro. Já anda a dançar muito com ela..."

Era assim nesses tempos. Era completamente diferente. Se um rapaz andasse a namorar com uma rapariga e visse outro a dar-lhe um beijo ou agarrado a ela, os pais iam logo saber e já havia chatice. Não se podia! Ou quando havia um que as deixava era logo uma guerra, porque isto era tudo praticamente uma família. Elas estavam em cima no primeiro andar, na janela e eles estavam cá em baixo. Tantos vi eu aí nesse tempo, quando era miúdo. Elas lá em cima e eles cá em baixo. Não andavam lá agarrados uns aos outros. Às vezes, os pais delas, quando já eram crescidotas, aí de 10, 12 anos, começavam logo:

- "Oh! Não andes com esse, que esse é um malandro! Com esse não andes..."

E elas já sabiam que tinham de se afastar. Eram aqueles mais espertalhões, mais evoluídos. E os pais delas já não gostavam:

- "Não andes com esse! Ai! Não andes ao pé dele! Não andes ao pé dele que ele é assim, é assado e só vos leva para o mau caminho..."

Não é como agora. E ainda bem que assim é. Eu não sou contra, pelo contrário. Eu até acho que nós devemos gozar a vida enquanto novos, porque, depois de chegar a velho, já não nos dá nada. A pessoa já não tem energia nem forças. As pernas começam a doer, o corpo já pede é descanso. Eu já sei por mim e ainda não estou muito velho, mas também já não estou novo. Já não sou como era quando tinha 30, nem quando tinha 20, nem quando tinha 40. E, quando se passa os 50, é sempre a descair. Aos 60 está pior, aos 70 está pior, aos 75 está pior e agora não sei se chegarei aos 80. Vamos lá a ver se lá chego.

"Era sagrado!"

No Natal, faziam sempre uma fogueira na praça. Agora, têm feito no largo. Vão buscar troncos de árvores e ali as queimam. Põem um bocado de cavacos, desses cavacos que, antigamente, eram dos colhereiros para incendiar o lume para começar. Cada um ia buscar uma chouriça - ou duas ou três - a casa, porque eles matabam os porcos em Dezembro. Estavam aí fresquinhas, que era uma maravilha. Depois iam para as tabernas fazer um petisco e bebiam uns copos. Copos de vinho, nessa altura. Pouca cerveja se vendia. Quando abriram a Casa da Comissão em 1983, chegaram a vender um garrafão de vinho por dia. Um garrafão de vinho de 5 litros em copos dá muito copo! E eles esgotavam aqui! Não havia cá muita gente, mas chegavam a vender um garrafão de vinho. A gente da terra era assim. Íamos três ou quatro:

- "Olha, vamos beber um copo."

Era sagrado! Enquanto não pagavam todos, não se ia embora nenhum! Eu pagava, mas depois estava à espera que o outro pagasse. E então depois de pagarem todos, é que se iam embora. E assim chegava-se a vender um garrafão de vinho. Hoje se se vendem aí dois copos de vinho por dia é o máximo. Se calhar, nem isso. Agora é tudo cerveja. Vinho já se não vende.

A serra da velha

No dia de Carnaval, começava o terço. Vinha uma senhora dizer o terço aí à capela, à noite. Agora ainda continuam a dizer o terço, vêm-no dizer à tarde, mas naquela altura andavam a trabalhar e só podiam à noite. Depois, na quarta-feira do meio da Quaresma, a malta nova fazia a serra da velha. Arranjávamos uma serra velha, daquelas de folha de serra, que já não serviam. Se era uma boa, não punham lá. Arranjavam também duas panelas para bater, duas tampas de tachos e o raio... Nessa altura, havia cá muitas velhas, coitadas. Elas não tinham muita idade, não chegam à idade de agora, mas tinham 70 e tal, 80 e já eram consideradas velhas. E então íamos serrar a velha. Dávamos a volta à rua e:

- Ó, velha! Ó, velha! À porta o tens!

Elas vinham à janela ver o que era e gritavam como o caneco! Mandavam água cá para cima da gente. Mas nós já estávamos de prevenção. Quando elas apareciam, vinha lá água. Algumas já estavam prevenidas. Andavam a fazer xixi uns dias antes para nesse dia nos virem mandar:

- "Ah, malandros! Que não hão-de cá voltar mais à porta!"

"Ó, Zé Barbado, dá cá as orelhas!"

Até tenho uma história para contar, já os meus avós contavam. Eram duas irmãs, que moravam lá em cima numa casa ao Outeiro. E havia aí um gajo muito atrevido, bastante atrevido, que se chamava Zé Barbado. Elas tinham-lhe uma raiva que o não podiam ver. Quando o viam, era a mesma coisa que ver o Diabo! Um dia foram lá serrar a velha à porta delas. E, ao mesmo tempo que serravam a velha, batiam-lhes na porta, para elas lá virem abri-la. Puseram-lhe um velho cheio de palha à porta. Faziam aí muito disso pelo Carnaval. Chamavam-lhe o entrudeiro, que depois era enterrado. Era o enterro do velho. Eles batiam-lhes à porta e elas tanto se irritaram que foram lá:

- "Quem me está aqui a bater à porta? Ah, vou-lhe dar uma tareia" - lá puseram elas, penso eu.

Quando abriram a porta, o velho caiu-lhes aos pés. E eram elas assim:

- "Ó Zé Barbado, dá cá as orelhas! Dá cá as orelhas, ladrão! Que eu vou-te arrancar as orelhas!"

Pensavam que era o Zé Barbado que lá estava à porta, mas o Zé Barbado onde é que ele já ia! Estava lá era o velho! Passavam-se aí coisas muito engraçadas deste género.

"Um petisco formidável!"

A gente da aldeia tem a tradição dos tortulhos. O tortulho é uma coisa que nasce onde houver estrume a partir de Setembro, quando começam - chamamos nós - as águas novas. Quando muda a temperatura para o Inverno, começam a aparecer muitos. E dantes havia mais, porque eles nascem mais onde há estrume de animais. Se calhar, até é uma porcaria, porque eles só se dão bem no estrume. Mas é muito bom frito com ovo e farinha. É um petisco formidável!

João Brandão

Falava-se do João Brandão. Os meus avós contavam-me que o João Brandão andava por aí pelas serras, pelos matos e o caneco...

"Deve ser muito malandro!"

Uma vez, até chamaram um avô meu a Côja, meteram-no lá num escritório e o João Brandão estava lá num quarto, escondido, a ouvir a conversa. A malandrice que havia naquele tempo! Um gajo que fazia lá parte da autoridade chamou-o:

- "Você tem visto lá por cima o João Brandão? O João Brandão não anda lá? Esse gajo deve ser muito malandro! Que é que ele lá faz?"

Começou a perguntar-lhe para ver o que ele dizia. A sorte do meu avô foi não ter dito mal dele, nem ter dito que o tinha cá visto. Nessa altura já havia pessoas espertas. O João Brandão, depois, apareceu e disse:

- "A tua sorte foi tu não teres dito mal de mim, nem teres dito que me viste! Porque, se tens dito que me viste e que eu sou mau, era o fim da tua vida!"

Ele foi-se embora e a pensar no que lhe podia ter acontecido.

"Contar histórias à lareira"

A minha avó dizia que havia lobisomens, que andavam aí de noite por as terras, com uma manta por cima deles. Acontecia às mulheres que tinham oito filhos rapazes. Quem tivesse oito rapazes, o último que nascesse transformava-se em lobisomem. Mas só se a mulher tivesse oito filhos rapazes. Se no meio tivesse uma rapariga, já não havia lobisomem. É outra história, porque eu não acredito que isso possa acontecer. São lendas. Mas diziam que ele aparecia aí.

Eu, às vezes, vou-me lembrando. Não me lembrava já disto nem do João Brandão. Isto é como tudo, vai esquecendo. Já lá vão tantos anos! E estas nem são do meu tempo. Contavam os meus avós! Dos meus avós, nenhum sabia uma letra, mas não eram nada parvos! Eles costumavam contar histórias à lareira, quando eu ia para casa deles. Coitados, não sabiam ler, não sabiam nada, tinham que contar destas coisas. Não havia a luz para eles verem nem nada, não havia televisão. Por isso, é que havia muitos filhos. As mulheres, coitadas, como não tinham televisão, tinham filhos. Qualquer um dos meus avós teve oito filhos, mas não foram só rapazes, senão...

Avaliação "*Que saibam o que isto foi*"

Eu acho que este projecto é bom para que as pessoas saibam o que isto foi. Gostava que todos falassem mais ou menos como eu falei e que recordassem as coisas antigas. Ainda tinha muitas mais coisas para dizer, mas pelo menos já dei uma ideia do que era isto antigamente. O que foi, o que era e o que é. A maneira que as pessoas viviam. Viviam muito mal, coitadas. Se todos derem assim a mesma ideia... Até pode haver quem dê mais. Eu lembro-me de coisas desde que nasci, praticamente, e de coisas que me contavam os meus avós. Há muitos que não se lembram de nada que lhe contassem os avós, mas eu lembro.